



## O APASSIVAMENTO DA MULHER NO CAPITALISMO E SUAS REPERCUSSÕES NA PSICANÁLISE

*Eixo Temático - O Patriarcado no capitalismo e uso da violência no controle dos corpos das mulheres*

Alessandra Ruivo Jacob <sup>1</sup>  
Clarice Pimentel Paulon <sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho propõe uma articulação entre o capitalismo e a psicanálise. Federici apresenta que o período da “caça às bruxas”, as mulheres foram definidas como seres demoníacos, sofreram as práticas mais atroztes da história, o que deixou em seu psiquismo marcas duradouras. Com o conceito de apropriação primitiva, se destaca a apropriação dos homens sobre o trabalho das mulheres, ficando reduzida a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens. Com Freud, teremos a herança desse predomínio patriarcal na metapsicologia da sexualidade feminina, os imperativos culturais de dominação masculina se expressaram na forma dos seguintes trinômios: ativo-fálico-masculino, passivo-castrado-feminino, promovendo, juntamente com o capitalismo, um sistema de desvalorização da mulher.

**Palavras-chave:** Feminilidade; Capitalismo; Metapsicologia; Trabalho, apassivamento.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da UNESP – Araraquara – SP, alerjacob@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora: doutora em psicologia clínica pelo IP-USP, professora credenciada no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da UNESP – Araraquara, claricepp@gmail.com

Em 2019, a filósofa e historiadora Silvia Federici, esteve no Brasil e em uma entrevista à “*Quatro cinco um*”<sup>3</sup>, afirmou que estamos testemunhando um novo período de caça às bruxas. Ao longo dos últimos 20 anos, as causas para o ressurgimento desse fenômeno acompanham o processo de globalização e as relações capitalistas. Federici aponta a preocupação com as reações à luta das mulheres por mais autonomia, cita que a presença de Judith Butler no Brasil em 2017, provocou protestos e cartazes com dizeres: “Queimem a bruxa!”. A palavra bruxa sempre foi apresentada a partir de uma personagem imaginária ridicularizada, com poderes maléficos e tida como a figura feminina do demônio, Federici pergunta: “Como voltar ao passado nos ajuda a entender que o aumento da violência contra a mulher hoje, acontece quando o capitalismo está ampliando seu poder para todos os cantos do mundo?” Muitas das que foram consideradas bruxas eram, de acordo com a filósofa, mulheres comuns, camponesas, indígenas.

O capitalismo nas relações econômicas e sociais não só reforçou a diferença entre riqueza e pobreza, mas também criou categorias de sujeitos subalternizados. Seu modo de produção por *acumulação primitiva*, tratado por Marx como fundante da sociedade capitalista, necessita da precarização do trabalhador, dos regimes de escravidão e da expropriação dos recursos naturais. Como podemos relacionar esse regime de expropriação e pauperização, não só ao contínuo ataque às mulheres, como também ao interesse de apassivamento de sua condição? Em uma cultura de dominação masculina, as mulheres tornam-se propriedade do homem, os altos índices de feminicídio e da pauta do aborto, comprovam a grande resistência à autonomia da mulher.

A “transição” do feudalismo para o capitalismo foi um dos marcos mais violentos da história. As grandes transformações pelas quais o mundo passava do fim do século 14 até meados do século 18, acarretaram a repressão generalizada e sistemática do feminino. As leis coloniais impuseram às mulheres restrições severas, o desejo

---

<sup>3</sup> Quatro cinco um, revista multiplataforma voltada à difusão das ciências, literatura e dos direitos humanos na sociedade brasileira.  
<https://quatrocinco.um.com.br/entrevistas/ciencias-sociais/caca-as-bruxas-ajuda-a-entender-aumento-de-femicidios-diz-silvia-federici/>



erótico dos europeus era imposto. Gênero, Saúde e Sustentabilidade das nativas, chegando ao século 19 com forte repressão sexual, impondo às mulheres uma condição de apassivamento.

A caça às bruxas do começo da era moderna foi um fenômeno histórico que deu mostras do intenso movimento de repressão e desapropriação da mulher, de sua autonomia, feminilidade, sexualidade e de seu controle reprodutivo. Com a constituição da família burguesa, a mulher passou a uma condição de infantilização, tendo na figura do homem um tutor que determinava seu destino. Federici (2017) sustenta que o capitalismo promoveu: 1) a nova divisão sexual do trabalho; 2) a construção de uma nova ordem patriarcal, a qual excluiu a mulher do trabalho assalariado, gerando sua subordinação ao homem; 3) a transformação da mulher em máquina de produção de novos trabalhadores (p. 26), acrescentamos um quarto fator como consequência desses três: 4) a destinação da mulher ao passivo.

Com Federici vamos da *acumulação primitiva* para *apropriação primitiva*, encontrando o *patriarcado do salário* e a *feminização da pobreza*. Em Freud encontramos a metapsicologia da sexualidade feminina, onde o apassivamento de sua condição é seu destino. A associação dos trinômios *ativo-fálico-masculino*, *passivo-castrado-feminino*, apresenta a reprodução da hegemonia masculina nos meios médicos e científicos, sendo fiel ao modelo de pensar a mulher dentro dos padrões burgueses e sexistas de sua época.

Portanto, o capitalismo é apresentado como o centro de sustentação do destino passivo dado às mulheres na história. A não coincidência do movimento da caça às bruxas com o início do capitalismo, fez com que o feminismo se debruçasse sobre essa questão, pois a violenta relação entre homens e mulheres desse período deixou de herança uma rígida definição de gênero.

## METODOLOGIA

O trabalho se constituiu a partir de pesquisa bibliográfica, apresentando a relação entre o capitalismo e a violência contra as mulheres, marcando sua degradação no curso da história do desenvolvimento e processo de globalização capitalista, articulando com uma reflexão crítica à Psicanálise, como dispositivo de reprodução do

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

lugar de apassivamento do feminino, saúde e sustentabilidade de desenvolvimento sexual infantil da menina ao alcance da mulher à feminilidade. Para pesquisa foram utilizados textos de autores de grande renome em suas respectivas áreas.

### REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa parte das postulações da filósofa e feminista Silvia Federici, a partir de seu livro *Calibã e a bruxa* (2017), que realiza uma análise sobre o fenômeno da caça às bruxas, do início do período moderno, ocasionou a exclusão da mulher dos meios de produção remunerada. O capitalismo é um meio de ocultação de sua força de trabalho, justificado por um destino biológico, busca disfarçar os interesses capitalísticos-patriarcais, impedindo a autonomia feminina e impondo uma forma de apassivamento de sua condição. O historiador, Peter N. Stearns, com sua pesquisa sobre *A História da Sexualidade* (2010), contribuiu com dados sobre o período moderno e vitoriano. Sigmund Freud, sofreu as influências da primazia masculina para pensar a metapsicologia da sexualidade feminina (1925, 1931) no período, moderno-vitoriano.

### DISCUSSÃO

A caça às bruxas aconteceu no mesmo período da *acumulação primitiva* de Karl Marx. Com a crise da acumulação no feudalismo houve a expropriação dos camponeses de suas terras, assim, desencadeou-se a reestruturação social e econômica da burguesia europeia na constituição do capitalismo. Segundo Federici, a consideração de uma “transição” do feudalismo para o capitalismo é mera ficção. O significado de transição supõe um processo linear, sendo que o desenvolvimento do capitalismo foi um dos mais sangrentos e descontínuos (FEDERICI, 2017, p. 116).

A divisão sexual do trabalho imposta pelo capitalismo trouxe destinos bem traçados. Para as mulheres essa divisão ocorre duplamente, seja pelo próprio sistema e seu modo de produção, seja pela hegemonia masculina que não as remuneravam. A burguesia europeia teve ao longo de 3 séculos as bases de implantação do capitalismo e a caça às bruxas acompanhou esse desenvolvimento no qual o feudalismo já estava em crise de acumulação. Sem uma concentração prévia de capital e trabalho, o capitalismo não teria se desenvolvido. Se, a princípio, a caça às bruxas pareceu ser uma cruzada religiosa em defesa da fé Cristã, sob a análise de uma perspectiva feminista é possível



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



perceber muitos outros limites, pois o sistema tem nas mulheres o foco principal: além da importância de sua condição de trabalho reprodutivo, necessita do exercício do poder sobre corpos subjugados.

A acumulação primitiva exigiu uma imensa força de trabalho, a escravidão foi a sustentação para tal feito. Os povos ameríndios sofreram em larga escala com as doenças trazidas da Europa e da África; 80% da população nativa morreram em dois séculos, os colonizadores europeus impuseram seus padrões sexuais aos povos que colonizaram, a moralidade cristã foi imposta em contraposição à considerada imoralidade sexual dos nativos (STEARNS, 2010). O capitalismo surge da escravidão, do roubo, do assassinato e da violência, nesse contexto histórico, a “transição” das mulheres do feudalismo para o capitalismo introduziu a divisão sexual do trabalho, o ocultamento de seu trabalho não remunerado, serviu para a acumulação do trabalho feminino (FEDERICI, 2017, p. 232).

No século 19, não só a sexualidade, mas as questões de gênero também ganharam novas definições. No período vitoriano, as mulheres foram colocadas como agentes civilizatórias, pois acreditava-se que tinham pouco ou nenhum desejo sexual. Já os homens, vistos sexualmente mais agressivos, tinham maiores dificuldades de controlar sua sexualidade, cabendo à mulher não os provocar sexualmente. Caso elas fossem consideradas mais sexualizadas, eram condenadas devido a sua conduta mais ativa, que violava a própria feminilidade (STEARNS, 2010, p.162).

A caça às bruxas definiu as mulheres como seres demoníacos, elas sofreram as práticas mais atroztes da história, deixando em seu psiquismo marcas duradouras. O controle de natalidade e da sexualidade não procriativa foi um dos alvos para demonização de suas práticas. Acusadas de sacrificar crianças para o demônio, nos séculos 16 e 17 inúmeras mulheres foram executadas por infanticídio, mais do que qualquer outro crime. Retirado o controle sobre seus corpos e sua condição reprodutiva, foram reduzidas a um papel passivo (FEDERICI, 2017 p. 177).

Na nova família burguesa o marido tornou-se o representante do Estado, disciplinava e supervisionava as “classes subordinadas”, o que incluía a esposa e os filhos, assim a família se estabelece como um “microestado” (FEDERICI, 2017, p.193). A mulher, dentro desse regime, estava excluída dos negócios e só lhe cabia cuidar dos

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

trabalhos domésticos. Um novo gênero construído: mulher, esposa ideal, passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Tratadas como seres passivos, assexuadas e mais morais que os homens, tiveram na família uma instituição fundamental para a apropriação e para o ocultamento do seu trabalho. Se na classe alta era a propriedade que dava ao marido poder sobre a mulher, nas classes trabalhadoras era a exclusão das mulheres sobre o recebimento de salários que dava aos homens poder sobre elas. Os homens trabalhadores da indústria artesanal e doméstica recebiam o salário da mulher, criando condições materiais para sua sujeição aos homens, o que Federici denominou de *patriarcado do salário*. Ao invés de um registro de pagamento pelo trabalho realizado, as mulheres receberam um apagamento de onde se entrevê um apassivamento de sua condição.

A *apropriação primitiva*, que se deu na apropriação dos homens sobre o trabalho das mulheres, reduziu a mulher a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos maridos. As atividades das mulheres sendo definidas como não trabalho as fez tornarem-se bens comuns. Foi uma grande derrota histórica, o trabalho das mulheres tornou-se um recurso natural disponível a todos, promovendo a feminilização da pobreza (FEDERICI, 2017, p. 191). As mulheres, a partir dessa desvalorização, privadas de sua autonomia com relação aos homens, sofreram um processo de degradação social, retiradas do espaço público pela não possibilidade de atuação devido a opressão masculina e passaram à passividade em relação a essa esfera.

Articulando capitalismo e Psicanálise, temos que seu início se deu em plena Era Vitoriana. Freud apresentou a sexualidade infantil em uma época de imensa repressão sexual, abalando as crenças puritanas sobre a não sexualidade das crianças. Contudo, o criador da psicanálise não pôde se isentar das influências do vitorianismo para pensar a mulher e construir suas epistemologias sobre a sexualidade feminina

Uma herança se estendeu pela obra: a relação entre *ativo-fálico-masculino*, e entre *passivo-castrado-feminino*. Temos nesses dois trinômios a máxima expressão da associação da mulher ao passivo. Imperativos culturais masculinos – representados pela força do patriarcado – promovendo a inferiorização da mulher, determinou ao feminino o que seria a feminilidade. A percepção da diferença entre os sexos na teoria da sexualidade infantil, se deu com a percepção da criança da presença-ausência do pênis.

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Partindo de um universalismo de gênero, a masculinidade foi considerada como natural a percepção na qual o menino vai temer perder – quando constata que alguém não têm o órgão – e a menina vai se sentir faltante e terá a inveja do pênis (FREUD, 1925).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capitalismo analisado sob uma perspectiva feminista, encontramos a degradação da mulher como condição *sine qua non* para sua existência. Com seus grandes avanços, percebe-se o retorno dos mais altos níveis de violência contra as chamadas minorias. A extrema direita tem revelado seu descaso com as políticas de direitos humanos pelo mundo, a ascensão de líderes políticos que promovem discursos tão conservadores como no período vitoriano, defendendo a família tradicional (burguesa), tem encontrado campo para disseminação e legitimação na sociedade.

O trabalho buscou apresentar as dimensões do passivo que acometeram as mulheres na história, e a ênfase do capitalismo nesse processo. As atrocidades do colonialismo às mulheres se expressam no extermínio e violência sexual infringidos às indígenas, no regime escravocrata e sua igual violência contra mulheres negras, o impedimento imposto pelo *patriarcado do salário*, destinando-as a uma dependência do homem. Segue-se nessa direção o apassivamento psicológico e psíquico das mulheres sustentado epistemologicamente por áreas da ciência, medicina e psiquiatria e psicanálise. Nesta apresenta-se como destino para feminilidade uma meta passiva, representada pela vagina, com o abandono do clítoris (sua fase masculina e, portanto, ativa). Essa “transição” (também ficcional) abriria para três possíveis desfechos: 1) Diante de seu ínfimo órgão atrofiado (o clítoris), iria viver uma inibição sexual, sendo levada à neurose; 2) Reagiria com revolta pela falta do pênis e na esperança de um dia possuí-lo, cairia vítima da inveja do pênis e do complexo de masculinidade. 3) Tomaria o pai como objeto de amor, encontrando a forma feminina do complexo de Édipo, levando-a a um desenvolvimento dito “normal” de sua sexualidade (FREUD, 1931).

A relevância da pesquisa propicia uma condição para reflexão crítica a partir do conhecimento histórico sobre a origem do capitalismo e seu modo de produção acumulativa. A Psicanálise é colocada em perspectiva para que os psicanalistas, conscientes do atravessamento cultural - tanto na formação do psiquismo quanto em sua própria formação profissional - possam estar em condições de reinventá-la,

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

independendo-se do modelo eurocêntrico, o modelo da mulher ao passivo, então, funciona de maneira a encobrir o verdadeiro determinante dessa construção, o capitalismo.

### REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago. (1925). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Vol. XIX. Ed. 1996.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago. (1931). *Sobre a Sexualidade feminina*. Vol. XXI. Ed. 1996.

STEARNS, Peter, N. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.